

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. II | N° 33 - AGOSTO 2023



O vale dos crimes imaginários

REVISTA

CONHECIMENTO & CIDADANIA

ISSN 2764-3867
Vol. II N.º 33

Leandro Costa - Editor-Chefe
Munique Costa - Editora Adjunta
Pedro Costa - Editor Auxiliar

CONHECIMENTO &
CIDADANIA

Com conhecimento se constrói cidadania

Produção e Designer

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa

Redação

Edson Araujo
Leandro Costa
Munique Costa
Pedro Costa

Colunistas

Danielle Jesus
Edson Araujo
Juliette Oliveira
Leandro Costa
Maria Cecília Carnáuba
Mauricio Motta
Neto Curvina
Sara Mendes

O conteúdo desta edição foi produzido por voluntários que autorizaram a publicação de seus trabalhos, não sendo remunerados, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania
Vol. II - N.º 33 - Agosto de 2023
Rio de Janeiro - RJ
Curso Menezes Costa - CNPJ 28.814.886/0001-26
ISSN 2764-3867

COLUNISTAS

LEANDRO COSTA

Servidor público, advogado impedido, professor de Direito, Diretor Acadêmico do projeto Direito nas Escolas e editor-chefe da Revista Conhecimento & Cidadania..

DANIELLY JESUS

Jornalista (DRT), YouTuber, podcaster (Cafe com Dani no Spofy), escrevo para os sites Mundo Conservador e PHVox, sou radialista na web rádio Atroz FM.

JULIETTE OLIVEIRA

Teóloga, filósofa e engenheira

SARA MENDES

Graduada em Serviço Social e uma amante incurável pela escrita e leitura

EDSON ARAUJO

Palestrante, estudante de filosofia e teologia.

MAURICIO MOTTA

Professor licenciado em História Pós-graduado em História do Brasil.

MARIA CECÍLIA CARNAÚBA

Doutoranda em Ciências Jurídico/Políticas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

NETO CURVINA

Ministro do Evangelho, teólogo, escritor e educador

O vale dos crimes imaginários



“Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”

Artigo 1º, parágrafo único, da Constituição da República Federativa do Brasil de 05 de outubro de 1988.

Imagine viver em um tempo e espaço nos quais nossas emoções nos guiam, sufocando a razão e a fé, uma espécie de mundo encantado em que a vontade fosse o único combustível da existência, retorcendo a realidade para que se adéque ao querer. Eis o [inalcançável universo revolucionário](#), que só existe nas mentes que insistem em crer nas falsas promessas dos déspotas.

Não há como negar que a vontade é o combustível da ação individual, mas é na fé que se nutre a alma, que se busca harmonia com a existência, pois, não é facultado à quem quer que seja tecer a trama do universo.

O tempo, por exemplo, não deixará de consumir a vida humana, por mais nobre ou abjeto que seja o esforço para postergar a existência de cada homem, não evitará o fato de que somos criados como parte de algo maior, devendo viver nosso tempo. Não há vida eterna senão a salvação da alma, sendo impossível aos heróis e tiranos perquirir nada além da salvação, bem como, a possibilidade de escrever seu nome na história da humanidade.

Leandro Costa

O maior castigo dos déspotas é saber que seu prazer carnal será interrompido, não importa o que faça. Mesmo que bebam sangue humano para viver para sempre, tendo em vista que, o vampiro é uma lenda criada justamente por conta do inalcançável sonho de viver eternamente como tirano de alma podre. Resta aos descrentes fazer da vida seu paraíso, ainda que, seja um [castelo erguido sobre o pesar alheio](#).

As mentiras são essenciais à revolução, por isso, as regras impostas também precisam de volatilidade, caso contrário, a elite revolucionária ver-se-á desmascarada e, portanto, deslegitimada. Para uma mente doentia, basta [mudar o significado das palavras](#) e tudo ocorrerá como mágica, não há como não lembrar da chamada “contabilidade criativa”, da “linguagem neutra”, do “fascismo” genérico e da “democracia relativa”.

Recentemente, um autointitulado líder de movimento social, ao ser interpelado por um parlamentar brasileiro sobre o motivo pelo qual não há um movimento análogo ao seu no país submetido ao poder da maior ditadura da atualidade, respondeu que no ano de 1949, o governo socialista que ascendeu o poder realizou uma reforma agrária, não sendo necessário a existência de movimentos do tipo. Todavia, há pontos que não foram levados em consideração, como o fato da reforma agrária ter se iniciado em 1950, mas alcançado seu ápice somente em 1958, [com a criação das chamadas “comunas populares”](#), sendo, embora haja um grande esforço em obscurecer tal informação, fator determinante para a crise que se seguiu.

Coincidentemente, ao menos é o que todo revolucionário e sua [mídia coordenada](#) tentarão exaustivamente convencer, a chamada Grande Fome de Mao, ou Grande Fome da China, tem início em 1958, matando de fome dezenas de milhões nos anos que se seguiram. Não foi a reforma agrária o único fator responsável pela fome, mas é no mínimo desonesto não considerar a coincidência entre as datas.

O Chamado Grande Salto Adiante, que só se viabilizou como consequência da reforma agrária, posto que, a última fase da reforma foi o que permitira a criação das comunas populares, resultou, sem dúvida, em um desastre de proporções colossais, tendo como consequência a morte, nas estimativas, de 45 milhões de pessoas. Ao tentar dissociar a reforma agrária do Grande Salto e, por conseguinte, da fome que se seguiu, a narrativa revolucionária busca, mais uma vez, se esquivar dos resultados identificados.

Constatado o mal causado pela revolução, a mente revolucionária, como é natural dos déspotas mentirosos, emprega grande esforço para se furtar das responsabilidades, seja, quando possível, negando a sua existência, atribuindo o resultado a terceiro, descolando-se da raiz do problema, ou mesmo, fracionando-o, de forma que, apenas parte seja admitida. Construir narrativas para se esquivar do mal que causara é o que mantém viva a revolução.

Leandro Costa

Não por acaso é comum que revolucionários neguem a existência do [Holodomor](#) e, quando o admitem, tentam justificá-lo como um erro da administração soviética, nada diferente do que fazem com a Grande Fome de Mao, mesmo quando apontado que Stalin tinha motivos para promover um genocídio deliberado face ao povo que mais resistiu à criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, justificando assim os excessos do líder comunista, que só deixou de intervir drasticamente na agricultura ucraniana após deixar evidente o quão cruel seria o tratamento dispensado aos que afrontassem o poder do Kremlin.

Nas palavras de [Alexandra Ilia](#), *“Os perpetradores do Holocausto haviam estabelecido sua crença na falsa biologia e no antissemitismo, sob uma visão nacional-socialista do mundo. Os responsáveis pelo Holodomor, por outro lado, eram fanáticos comunistas, acreditando na falsa sociologia, procurando eliminar a classe kulak (camponeses mais prósperos) mas também trazer uma nação (Ucrânia) de joelhos para fortalecer sua influência sobre ela. Embora as razões para cometer assassinato pareçam muito diferentes, a ideologia que ocasionou isso contém alguns pontos comuns”*.

Em síntese, causar deliberadamente a morte através da fome, pode ser uma forma de aquebrantar um povo, levando-o a um grau de fragilidade, em razão da miséria, que não lhe permitirá sequer pensar em nada além da subsistência. [Privado das necessidades básicas](#), o homem não trilhará em busca de outras conquistas como liberdade, honra, justiça e verdade. A fome no socialismo pode não ser uma consequência de erros, mas um meio de impor o controle.

Como indivíduos de boa vontade, há uma tendência natural em acreditar que a destruição é resultado do acaso ou da incúria, entretanto, ao analisar como os revolucionários reagem ao resultado de suas ações, é nítido que a entropia por eles causadas é fruto da ação dolosa que busca dobrar cada vez mais indivíduos ou grupos. Quando sua experiência é desmascarada ou fracassa, a saída é esquivar-se das responsabilidades, como é a regra entre criminosos.

A tentativa, parcialmente bem-sucedida, em transferir o nacional-socialismo e o fascismo para o espectro político oposto, também são formas de esquivar-se das consequências dos resultados identificados. Tão logo, os regimes coletivistas e totalitários foram percebidos como nefastos, os socialistas rotularam-nos como “ditaduras de direita”, por vezes, associando-os até mesmo ao conservadorismo, o que, seria cômico, não fosse trágico.

Há quem defende de a ditadura chinesa pôs fim a fome no início desta década, baseando-se, é claro, nos “confiáveis” dados fornecidos pelo Partido Comunista Chinês. Talvez isso explique aqueles que acreditam na próspera educação de Cuba, ou mesmo, na democracia venezuelana, ainda que relativa.

Leandro Costa

Deixando a questão da Grande Fome de Mao de lado, colocar uma luz sobre o tema se presta para apontar categoricamente que a mentira sempre estará presente nas entrelinhas daquilo que o revolucionário propaga, voltamos às declarações prestadas no âmbito do Congresso Nacional. Uma vez que, independente da reforma agrária ter sido um sucesso ou o primeiro passo para o precipício, a resposta correta para a pergunta do parlamentar é muito mais simples que a oferecida, pois, não há movimento análogo ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra em atividade na República Popular da China, pelo fato do Partido Comunista Chinês não ter interesse em sua existência e, em uma ditadura revolucionária, tudo aquilo que não se presta aos interesses do Estado será destruído.

Não existe a possibilidade de um movimento social, ou mesmo de uma guerrilha terrorista, coexistir em uma ditadura revolucionária sem ser expurgado, salvo se, como mais um ardil socialista, for um braço do regime para controlar eventuais desvios, sem que o poder central tenha que responder pelas ações repreensivas. Como é o caso das milícias nas favelas venezuelanas, que, indiretamente, ao serviço do governo daquele país, podem reprimir de forma radical quaisquer vozes que se insurjam contra a ditadura, ou democracia relativa, sem que o ocupante do Miraflores responda pelos eventuais excessos praticados pelos paramilitares.

Para uma ditadura totalitária o maior crime, quem sabe o único, é desafiar-la, haja vista que, o único objetivo da elite revolucionária é se perpetuar no poder e fazer do mundo seu paraíso imaginário no qual todos se curvarão aos mesmos. Uma doença que corrói através do poder e se solidifica no temor de enfrentar as consequências de seus atos.

Tratando-se de criaturas cruéis, por que não dizer bestiais, que se alimentam de suas vicissitudes, os líderes revolucionários manipulam, se enjoam e temem as massas, logo, nunca lançar-se-ão ao julgamento real do povo.

Para sustentar suas mentiras, como castelos de areias que não podem ser testados, restar-lhes-á construir narrativas, iludindo os incautos e conduzindo-os à destruição. Para isso é necessário que o tirano detenha os meios de comunicação, a produção acadêmica e a capacidade econômica para que indivíduos sejam enfraquecidos, corrompidos ou ameaçados, o Estado acaba sendo o meio de atingir todos os fatores, pois a associação que o delega poderes precisa ser, cada vez mais, subjugada.

Ao produzir conteúdo com roupagem científica a revolução cria uma espécie de validação para suas propostas, colocando um selo de autoridade, ainda que falso, em seu arcabouço, de maneira que o relativismo possa ter lugar na ciência e a verdade seja substituída por quaisquer narrativas desejadas. Constrói-se então teorias cujo objetivo subjaz a ideia revolucionária, para, em um segundo momento, difundi-la como um resultado de pesquisa.

Leandro Costa

Nada melhor que lembrar do ex-vice presidente dos Estados Unidos da América, Al Gore, o grande alardeador do “aquecimento global”, que decidiu adquirir uma mansão próxima ao mar. Tal narrativa, que hoje foi remasterizada para que o consumo de bovinos seja reduzido, curiosamente trazendo consigo a fome, se escora em inúmeras estudos e relatórios que, no mínimo duvidosos, apontam para pesquisas científicas preordenadas, parecendo, aos olhos mais atentos, trabalhos não tão científicos que visam confirmar aquilo que já foi estabelecido, por conveniência aos anseios das elites revolucionárias, antes mesmo de sua elaboração.

Algumas observações levam a crer que, no campo acadêmico, certos cientistas partem do fim definido por seus senhores, tentando preencher todo o percurso com aquilo que for conveniente ao final desejado, ainda que, evidências científicas robustas precisem ser, injustificadamente, descartadas. Vislumbra-se uma fraude que serve tão somente aos anseios da revolução.

Tal hipótese se aplica à linguagem neutra, que tenta impor uma mutação artificial à linguagem que deveria evoluir naturalmente, servindo aos interesses revolucionários por mais que não faça sentido algum, posto que, mesmos seus percursores não conseguem utilizá-la de forma plena. Impõe-se, de forma irracional, uma mudança na comunicação que não serve aos indivíduos, contudo, se presta aos líderes revolucionários.

O problema reside, justamente, na criação de teorias na contramão da ciência, partindo do que se pretende obter com o resultado, não se contentando com o que for encontrado na pesquisa. Isso cria erros de conexão, como peças de ficção cujo enredo sofre com os chamados buracos na trama.

“Os buracos na trama são, portanto, contradições ou falhas no universo fictício de uma história. Mesmo histórias intencionalmente irrealis e fantásticas podem sofrer quando surgem buracos na trama, pois o público está disposto a suspender a descrença em relação à magia e outros poderes sobrenaturais, desde que a história faça sentido dentro de suas próprias regras e seja consistente”.

A criação de narrativas pode fazer com que o enredo esbarre nos buracos na trama, justamente, por se tratarem de frutos da imaginação humana, as pontas podem não se conectar, fazendo com que aquilo que parece plausível no discurso, ou projeto, seja impossível de conceber no mundo real. Basta imaginar uma obra de engenharia na qual o projetista use sua liberdade criativa sem respeitar as leis da física, fatalmente a construção não permanecerá de pé.

Quando o autor de uma obra ficcional não é cuidadoso o suficiente, excetuando os devaneios propositais, fatalmente haverá buracos na trama, pois, é muito complexo produzir uma narrativa que se conecte por inteiro, isso prova que a natureza jamais poderia ser obra do acaso. Sendo uma ficção, o autor

Leandro Costa

pode não se preocupar com tais falhas, ignorando, ou mesmo explorando, os buracos na trama, pois, caso a narrativa se perca, a maior pena será o desprezo dos destinatários.

Por outro lado, a criação desenfreada de narrativas por tiranos para encobrir suas ações, resulta no inevitável desabamento, haja vista que, não há como edificar sobre mentiras, de maneira que a utopia tende a se revelar como tal. A mentira sempre se desnudará, como a sabedoria popular alertava, “a mentira tem pernas curtas”, ou seja, poderá fugir, mas sempre será pega.

Resta ao revolucionário, mentiroso contumaz, impedir que suas narrativas sejam confrontadas, por isso, tudo aquilo que contradiz a revolução é tratado como criminosos. A mente socialista, que finge defender o devido processo legal, é capaz de jogá-lo no lixo para colocar, sem quaisquer direitos, seus opositores em um “bom paredão” ou uma “boa cova”.

Parece que o discurso serve, tão somente, para insuflar os corações dos militantes mais radicais, entretanto, sabendo que os revolucionários raciocinam como bestas, deixando-se levar pelo sentimento de manada, seus líderes fazem com que suas hordas se desumanizem, criando uma narrativa que sustente a flagrante perseguição aos que se recusam a ajoelharem diante de seus desmandos tirânicos. As atrocidades são aplaudidas por uma massa acéfala que se regozija com o sofrimento daqueles que não juraram vassalagem aos seus nefastos senhores enquanto esperam migalhas que talvez nunca recebam.

Idiotas úteis alimentam o Leviatã, adulando tiranos e aplaudindo cada avanço do monstro, por acreditarem que aqueles que não comungam de sua ideologia doentia e mentirosa merecem a destruição. Esquecem sempre que a revolução precisa de hordas e que ao perderem sua utilidade ou confrontarem seus líderes serão descartados como pequenos vilões que são mortos por seus mestres como forma vulgar de demonstração de poder.

Os que clamam por tiranos acabam sendo por eles destruídos.

A Constituição do Brasil diz que o poder emana do povo, fazendo parecer que, em uma leitura superficial, o legislador constituinte originário conferiu, através do texto constitucional, o poder ao povo. Uma leitura equivocada, posto que, a lei maior, ao menos deveria ser, não confere aos cidadãos o poder, somente reconhece que o poder é do povo, por isso, diz claramente que, dele emana.

Em verdade, a Constituição, que também é fruto do poder do povo, anuncia quem é o senhor originário do poder, não sendo uma carta que se propõe a furtá-lo. O que se exprime no texto legal é, justamente, o conceito de democracia como “regime de governo cuja origem do poder vem do povo. Em um governo democrático, todos os cidadãos possuem o mesmo estatuto e têm garantido o direito à participação política”.

Leandro Costa

Espantosamente, quando populares questionam medidas de autoridades ou a atuação de instituições que insistem em se chamar de democráticas, essas reagem perseguindo-os alegando serem que sua manifestação é antidemocrática. Nada é mais antidemocrático que calar o povo para preservar quaisquer que sejam a instituição ou autoridade, pois, são delegatários do povo, verdadeiro senhor do poder.

Perigosamente, aqueles que ocupam posições de poder, o exercendo em nome do povo, buscam criminalizar seus questionadores ou opositores, usando a mais radical vertente dos ramos do Direito, por isso, a chamada *ultima ratio*, que é o Direito Penal. Privando de liberdade quem ouse levantar a voz contra o autoritarismo.

Para se proteger, tiranos criam crimes conforme a sua conveniência, fazendo de qualquer um desafeto um infrator em potencial. Em todas as etapas, os revolucionários, usam de sua criatividade nefasta, para, anular qualquer pensamento dissonante.

As infrações nascem por vias alternativas, inseridas em uma espécie de Cavalo de Troia, quando uma propositura finge atender a uma boa causa para criminalizar opiniões, ou ainda pior, usando do poder para usurpar a competência do legislador, hipótese em que o Judiciário, alegando a defesa de um “bem maior”, torna-se uma figura ativa para legislar sem o ônus de se colocar ao julgo do público, possibilidade que o legislador não tem.

O Judiciário, ao legislar, não subtrai do Legislativo o poder de instituir tipos de crimes, haja vista que, como mencionado, o poder emana do povo, logo, a vítima do ativismo judicial em tal cenário é o verdadeiro detentor do poder, que assiste seus procuradores terem seu bem subtraído por aqueles que afirmam garantir que a justiça prevalecerá. Ao legislar, o Judiciário se torna um poder antidemocrático, colocando suas aspirações acima dos ditames legais.

Em uma ditadura o único crime que merece a reprimenda é opor-se à ditadura, portanto, criam-se infrações abstratas para que possam ser aplicadas de acordo com o desejo do julgador. Ao criminalizar a mentira, permite-se ao perseguidor impor sua visão acerca de um ponto sobre todas as outras, tendo em vista que, em se tratando da mente revolucionária, que acredita ser a verdade relativa, o que importa é qual narrativa se presta aos anseios daquele que pode julgar.

Mesmo os mais lúcidos, que sabem que a verdade não é relativa, a verossimilhança sim, não concordam em conceder o direito de determiná-la à quem quer que seja, posto que, uma vez observando por um determinado prisma, todos podem se enganar, acreditando que a sua visão, ora verossímil, é a verdade. Versões precisam ser constantemente testadas, ou seja, confrontadas, para que se chegue a verdade, assim sendo, não se pode calar outrem sob pena de cegar-se.

Leandro Costa

A criação de crimes abstratos como atos antidemocráticos, fakenews e tantas quantas fobias forem necessárias para calar pela força quem não se curva aos senhores do poder, nos imerge em um cenário doentio no qual todos são criminosos em potencial, bastando desagradar os mestres da revolução para que se fabrique uma nova norma incriminadora, ou se penalize sem norma mesmo, como único fim de impor através do medo a chancela dos tiranos.

De igual sorte, as regras processuais são postas de lado para servir à inquisição revolucionária, com direito a aplausos, déspotas cerceiam direitos basilares em busca de sua afirmação. O processo da [pandemia](#) do início da década permitiu, com base no pânico preordenado, que [diversos experimentos](#), no sentido de restringir direitos, sem quaisquer correlações com a moléstia fossem postos em prática e, com o sucesso das medidas, não no sentido sanitário, mas no totalitário, os tiranos se sentiram confortáveis para avançar.

Em direção oposta, aquilo que serve à revolução tende a descriminalização, mesmo que pela via da usurpação, como os exemplos há o [aborto](#), o porte de [entorpecentes](#) e até o racismo, quando o alvo das agressões não merce proteção aos olhos, vermelhos, dos líderes revolucionários.

Permitir que os poderosos criminalizem seus opositores os fará avançar cada vez mais, como ocorrera na Revolução Francesa e na União Soviética, levando inocentes para a guilhotina e os gulags, entretanto, mesmo os que acolhem cegamente as narrativas, sejam [iludidos](#) ou parasitas, ver-se-ão levados aos campos de concentração, julgados pelo “Tribunal do Povo” e tendo suas cabeças decepadas, infelizmente, para a maioria, o [despertar chegará tarde demais](#).

O tempo, no entanto, derrubará os castelos de areia que se edificam sobre narrativas e, não há nada que os [senhores da mentira](#) posam fazer, uma vez que lutam contra a realidade. Até lá, resta fazer o melhor que cada um puder e, como sempre, confiar em Deus.

Cidadania atual



Teias sociais em uma era de conexão

Num mundo repleto de avanços tecnológicos, onde as redes sociais são os novos cruzamentos das praças públicas, a cidadania contemporânea se manifesta de maneiras profundamente diferentes das épocas passadas. Nessa era digital, as relações cívicas e sociais se entrelaçam em uma intrincada teia, redefinindo nossa compreensão de cidadania e engajamento.

A Metáfora das Redes Sociais: Além das Fronteiras Físicas

Assim como a Revolução Industrial do século XIX marcou o início de uma transformação radical na forma como as pessoas viviam e se relacionavam, a Revolução Digital está revolucionando nossas noções de cidadania. O impacto das redes sociais pode ser comparado à construção de novos caminhos de ferro naquela época, que conectavam nações e culturas antes isoladas. Da mesma forma, as plataformas de mídia social unem indivíduos separados por continentes, permitindo o compartilhamento instantâneo de ideias e perspectivas.

Em contrapartida, essa comparação também traz à tona desafios semelhantes. Assim como a Revolução Industrial trouxe consigo questões de exploração do trabalho e desigualdade, a Revolução Digital também enfrenta problemas de privacidade, segurança cibernética e desigualdade de acesso à tecnologia. Nossa cidadania na era digital não pode ser idealizada sem reconhecer essas complexidades, assim como as ferrovias do passado não

podem ser romantizadas sem considerar os desafios que trouxeram consigo.

“Nós somos todos cidadãos do mundo.”

Aldous Huxley escreveu em seu livro “Ilhas” (1932, p. 101): “Nós somos todos cidadãos do mundo.” Hoje, essa afirmação ressoa ainda mais forte. A cidadania transcende as fronteiras geográficas, tornando-se uma cidadania global no cenário digital. As ações de um cidadão agora podem ter impacto global quase que instantaneamente, enquanto uma única postagem pode desencadear discussões que cruzam oceanos e culturas.

Porém, essa nova noção de cidadania global também levanta questões sobre a identidade e a responsabilidade. À medida que nos conectamos com pessoas de diferentes origens e culturas, é fundamental lembrar que, embora sejamos cidadãos do mundo, também somos portadores de identidades locais e contextos únicos. Nossa cidadania global deve ser informada pela compreensão sensível das complexidades culturais e sociais que moldam nossas perspectivas.

O Papel do Indivíduo na Aldeia Global

Marshall McLuhan, em sua obra “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem” (1964), introduziu a noção de uma “aldeia global”, onde os meios de comunicação eletrônicos diminuiriam as distâncias entre as pessoas, criando uma sensação de proximidade compartilhada. Hoje, plataformas de mídia social como Twitter, Facebook e Instagram materializam essa visão, permitindo que indivíduos interajam, compartilhem e opinem em uma escala global. A cidadania não é mais restrita ao espaço físico do país, mas se estende a essa aldeia global, onde as vozes individuais ecoam como nunca antes.

No entanto, essa conexão global também apresenta desafios. À medida que nos envolvemos em debates e discussões internacionais, nossa responsabilidade de considerar diferentes perspectivas e culturas aumenta. A cidadania virtual não se trata apenas de expressar nossas opiniões, mas também de ouvir e aprender com os outros. Somente através desse diálogo genuíno podemos construir uma cidadania global que seja inclusiva e enriquecedora para todos.

Desafios da Cidadania Virtual

Contudo, com grande poder vem grande responsabilidade. Assim como a cidadania presencial implica deveres e obrigações, a cidadania virtual exige discernimento e ética. A abundância de informações e a velocidade das redes sociais também podem propagar desinformação e polarização. Como cidadãos digitais, é nossa responsabilidade discernir entre o que é verdadeiro e o que é manipulado, contribuindo para um espaço online mais saudável e informado.

Além disso, a privacidade e a segurança online se tornaram questões cruciais. Assim como nossos antecessores lutaram por direitos civis e liberdades fundamentais, nossa cidadania digital exige que defendamos a

Sara Mendes

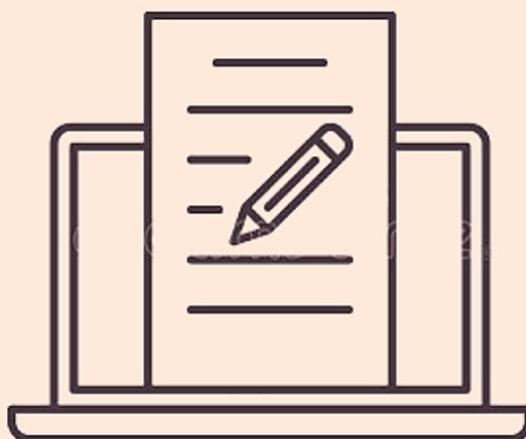
privacidade pessoal e a proteção contra o uso indevido de dados. A consciência sobre como nossas informações são usadas e compartilhadas é uma parte vital da cidadania moderna.

Conclusão: Uma Nova Era de Engajamento Cidadão

A cidadania moderna transcende os limites geográficos e se estende ao mundo virtual. Nossa participação nas redes sociais é um novo tipo de engajamento cívico, onde nossas vozes reverberam através das redes, ecoando nos corações e mentes de pessoas de todos os cantos do mundo. No entanto, essa nova forma de cidadania também exige maior conscientização e discernimento. À medida que abraçamos nossa cidadania na aldeia global, devemos lembrar que nossa responsabilidade como cidadãos virtuais é tão vital quanto nossa presença nas praças públicas do passado.

Nossa cidadania digital é uma oportunidade para construir pontes, trocar ideias e moldar um futuro mais inclusivo e conectado. Assim como as gerações passadas enfrentaram desafios para construir sociedades mais justas, nossa geração enfrenta o desafio de usar a tecnologia para nutrir um senso de pertencimento global e responsabilidade compartilhada. A cidadania atual é uma tapeçaria complexa que se desdobra através das redes sociais, e é nosso dever moldá-la com sabedoria, compaixão e um profundo compromisso com o bem comum.

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Acompanhe nosso
blog!**

Nova Ordem Mundial

Para que uma Nova Ordem seja implantada é preciso implodir a antiga

“Não era verdade, por exemplo, como alegavam os livros de História do Partido, que o Partido tivesse inventado os aviões. Ele se lembrava de aviões desde a tenra infância. Mas não havia como provar nada. Não existia nenhuma evidência. (...) Dia após dia e quase minuto a minuto, o passado era atualizado.” 1984, George Orwell.

É consenso que a história sempre foi e é contada pelo ótica dos vencedores. Quem conhece o “Grande Expurgo” feito na segunda metade da década de 30 pelo regime stalinista sabe como a história era reescrita para banir os inimigos da memória e da história soviética. O que era feito através de execuções, gulags e alterações fotográficas. Não seria exagero dizer que os soviéticos foram os precursores das montagens fotográficas modernas, mestres que sempre foram na arte de desinformar: “A Rússia se tornou a primeira grande potência que transformou o engano numa política nacional permanente, que afinal viria a distorcer todas as facetas da sociedade russa czarista e comunista” Desinformação, Ion Pacepa.



Quando você se depara com o mundo orwelliano, assim como o de outros (Huxley, Wells, etc.), distopias sombrias e onipresentes, invariavelmente você se depara também com a manipulação da informação, que atinge seu ápice no processo no momento em que – ao bel prazer dos vencedores – passa a construir uma “nova história” a partir da agenda vigente, um fenômeno, reconhece-se, não tão recente,

Neto Curvina

de forma alguma. O que foi o Cavalo de Troia senão uma bela peça de desinformação pregada nos chorosos troianos que ainda se lamentavam a perda de Heitor? E uma das grandes ironias de todas essas distopias é que basicamente todas têm Londres como palco para seus pesadelos, o que quer dizer que seus autores não eram, como podemos dizer, liberais democratas ou mesmo conservadores entusiasmados com a Monarquia. Sim, não estamos falando de Chesterton ou C S Lewis, e muito menos de Adam Smith e sua “Teoria dos Sentimentos Morais” Título de um de seus livros, lançado no século XVIII. Percebe a contradição? Mas na verdade ela não existe de fato.

O “Partido” citado inicialmente por Orwell tanto pode ser russo, chinês, britânico ou norte-americano, porque, como já falamos, especificamente do século XIX pra cá, a história vem sendo mutilada pelo status quo globalista a partir dos pilares que o compõem, que vão de progressistas apátridas como George Soros, que despeja milhões de dólares anualmente em veículos de informação travestidos de ONGs e fundações, passando pelos metacapitalistas, ratos do sistema bancário mundial, irmãos siameses dos primeiros progressistas, que têm boa parte dos bancos centrais e de toda a imprensa no bolso do colete, os fundamentalistas do Oriente Médio, que possuem negócios altamente lucrativos com os dois primeiros, e o mundo por trás da Cortina de Ferro virtual, representado pela anfisbena vermelha, a águia bicéfala socialista. Todos eles, de alguma forma, bebem na fonte orwelliana da desinformação histórica. Todos mentem. Todos pagam para mentir. E todos eles, INVARIAVELMENTE, se opõem às raízes judaico-cristãs da civilização, e isso não ocorre por acaso.

A verdade é algo natural. Até os estoicos sabiam disso. Um mais um é naturalmente dois. Isso é a verdade, aquilo que com o tempo foi chamado de “conservador”, ou seja, aquilo que “conserva” o que é bom, útil, saudável e benéfico, mas, principalmente, indispensável para a existência humana. Se um ser social resolve viver sua vida de modo que um mais um nunca seja dois, ele colocará não somente a sua vida em risco, mas também a de todos que o cercam. Imagine um engenheiro, um físico, um médico ou um juiz que pense que um mais um seja igual a três. A tradição judaico-cristã defende que um mais um seja um, e o faz não somente por questões matemáticas ou históricas, mas também por questões espirituais, porque o caminho da verdade universal, a Grande Tradição, é, sobretudo, transcendental, e tem nas Sagradas Escrituras a sua fonte legítima.

E isso nos leva ao primeiro problema proposto no texto: a história sendo reescrita para se amoldar a um projeto de poder, ou seja, a mentira, a deturpação e a manipulação se passando por verdade para que as gerações vindouras possam ser controladas pelo argumento da historicidade e do cientificismo, como vemos todos os dias. E para que isso aconteça, todos os valores que dão aos homens réguas morais e limites éticos precisam ser extirpados do seio da sociedade, porque ao final de tudo isso, o que restará é um imenso projeto totalitário que vem sendo tentado há várias gerações por instrumentos insanos e

Neto Curvina

mentalmente perturbados, que vão de Alexandre a Hitler, e que nesses agitados dias do século XXI vem procurando um representante eficiente, independente de bandeiras: Putin, Trump, Erdogan, Macron, Jinping, Bergoglio, Netanyahu, Gates, Zuckerberg, algum membro do Clube de Bilderberg... quem seria o Big Brother da vez? Na minha humilde opinião, nenhum deles. O que virá será muito mais carismático e convincente de qualquer um desses supostos candidatos ao cargo de “Príncipe que há de vir”.

Mas enquanto isso a história seguirá sendo reescrita diariamente, em especial pelos “checadores de fatos independentes” das redes, os lacaios mais podres e desprezíveis do sistema, que dia após dia fazem varreduras em postagens publicadas há muito tempo e, com a justificativa de que “sua publicação viola os padrões da comunidade”, a retiram do ar, despoticamente, sem direito a resposta ou contestação, exatamente como nosso personagem principal, Winston, que odiava o que fazia, bem como a novilíngua que lhe era imposta. Curiosamente, esse mesmo “Grande Irmão” falava em um mundo sem divisões e desigualdades sociais para justificar suas atitudes, como o termo que ele mesmo usava: uniformizar, também era o cara que instituiu o crime de pensar, o que chega a ser irônico, quando vemos em uma rede social, na área de postagem, a pergunta: “O que você está pensando?”. Se não “pensarmos” de acordo com o sistema, nossos pensamentos serão eliminados enquanto a história ao redor dele será reescrita. Nos perguntam o que estamos pensando, mas se “pensamos” diferente deles, somos punidos. Orwell foi cirúrgico.

Mas tudo isso só funciona de forma eficaz porque o mundo se apartou do conhecimento original que o fez ter consciência de si mesmo. Nos mundos das distopias, existentes ou fictícias, a fé judaico-cristã é o alvo principal a ser atingido e destruído. O que não nos deixa esquecer Thomas More, quando, ao falar das religiões de Utopia, dizer que “Existem diversas religiões, não só nas várias partes da ilha, como em cada cidade. Alguns adoram o Sol, outros a Lua, outros ainda algum planeta. Há também quem venere como deus um homem, que vivera muito tempo atrás, de fama e virtude extraordinárias, venerando-o como o maior dos deuses. Contudo, os mais sábios dentre os Utopianos rejeitam todas estas crenças e acreditam num certo poder divino, desconhecido, eterno, inexplicado, acima de toda a compreensão humana, enchendo o mundo, não com extensão corpórea, mas com a sua virtude e onipotência. Chamam-lhe Deus Pai. A ele atribuem a origem, os progressos, as mudanças e o fim de todas as coisas. A ele só dão honras divinas.” Utopia, Thomas More.

Como se vê, se você quer uma distopia, retire Deus do seu lugar de direito. Se quer o processo inverso, resgate-o. Caso contrário, logo todos nós seremos personagens de uma “história” que nunca existiu e, provavelmente, em um futuro próximo, talvez nem tenhamos existido de verdade, afinal, será que os livros de história que estão sendo escritos hoje falarão de nós? O sistema avança desesperadamente para desconstruir a nossa identidade e uniformizar – Orwell de novo – a humanidade para satisfazer sua

Neto Curvina

lascívia por controle total. Ou gerando, como queria o comunismo, um proletariado sem alma, servindo como uma enorme massa de zumbis à causa do Partido, ou uma multidão de criaturas degeneradas, assexuadas e transtornadas acerca de gênero, ou ainda uma turba raivosa de fundamentalistas desprovidos dos sentimentos que nos separam dos animais selvagens. E todos ele, tendo a tradição judaico-cristã como sua inimiga mais perigosa.

O mundo só tem uma opção: voltar-se para o Deus de Israel, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e seu Unigênito. Fora disso só haverá caos e destruição como, aliás, já está ocorrendo.

REVISTA CONHECIMENTO & CIDADANIA



**Inscreeva-se no
canal!**

Juliette Oliveira

Cristão, o que você pode aprender com o novo filme da Barbie?



Os filmes frequentemente têm a capacidade de refletir e abordar questões políticas e sociais, explorando até mesmo a hipocrisia em diferentes perspectivas. Alguns filmes podem escolher focar na inconsistência entre discursos e ações. Essa abordagem pode ser usada para analisar como figuras ou grupos promovem certos valores, mas podem, por vezes, ser acusados de não seguir esses princípios em suas próprias vidas ou decisões políticas.

“O novo filme da Barbie é o assunto do momento! Afinal, trata-se de uma boneca icônica que marcou a infância de várias gerações de meninas. Podemos pensar que um filme baseado nessa personagem seria voltado para o público infantil e familiar, destacando a feminilidade. No entanto, essa suposição está errada”, afirma a deputada estadual Alê Portela (PL-MG).

Vejamos a motivação para a fala da deputada...

A narrativa se desenrola na "Barbielândia", um mundo mágico onde todas as diferentes versões da boneca Barbie vivem em perfeita harmonia. No entanto, uma delas começa a questionar se sua vida é realmente tão perfeita como aparenta. A personagem da Barbie, interpretada por Margot Robbie, acaba adentrando o mundo real e desvendando algumas verdades sobre a sua própria realidade.

“Barbie” é um filme que veio para criar discussões, embalado por um humor peculiar, trazendo consigo uma crítica à sociedade patriarcal enraizada no consumismo, através de uma narrativa surreal e inovadora. Sob a direção de Greta Gerwig e com colaboração na escrita de Noah Baumbach, o filme nos introduz a um universo distinto, a "Barbielândia", onde normas peculiares ditam a realidade.

A história acompanha a protagonista Barbie "estereotipada"; ou seja, a Barbie "comum" que visualizamos ao pensar na boneca. Ela vive em um mundo perfeito, cercada por amigas perfeitas, mas

Juliette Oliveira

começa a questionar a incongruência do mundo à sua volta. Em uma jornada de autoconhecimento, ela busca compreender o seu lugar e papel em um mundo concebido para ser um exemplo e gerar lucro.

Dessa forma, o filme se fundamenta no contraste entre dois universos: o mundo real, com todas as suas imperfeições – com uma ênfase especial no machismo – e o universo da Barbie, onde as mulheres estão no centro: as amigas, a suprema corte, a presidente. Quanto ao Ken, bem... ninguém sequer pensou onde eles dormem.

Na Barbielândia, os homens desempenham papéis secundários, são acessórios, frequentemente esquecidos, vivendo em função das vontades da Barbie. Sentindo-se diminuído, Ken entra em competição com os outros homens. Quando ele é confrontado com o mundo real e a inversão de poder, ele lida com seus ressentimentos propagando o patriarcado entre seus pares. O universo da Barbie permanece para sempre contaminado com homens que tentam recuperar um sonho de poder e controle que nunca foi deles. E aqui, qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência.

É evidente que o filme procura retratar como o mundo real é dominado pelos homens, enquanto as mulheres enfrentam dificuldades nesse cenário. Isso reforça a narrativa de que as mulheres frequentemente enfrentam desigualdades na sociedade, desafiando a visão tradicional de “bela, recatada e do lar”. Na verdade, o filme mostra que se um dia o mundo fosse dominado por mulheres os homens seriam menos coadjuvantes. Em outras palavras, o filme trata os homens da mesma forma que critica. E apesar, da insinuação de que a luta não é a busca pela superioridade da mulher, na prática a abordagem do filme conta bem diferente.

Apesar da insinuação de que a luta não é por superioridade feminina, a abordagem prática do filme conta uma história diferente. A narrativa continua ao criticar os padrões inatingíveis de beleza associados à boneca Barbie. Isso é feito através do uso de metalinguagem e diálogos irônicos, que constituem uma forma de expressão social e política, cutucando assuntos considerados misóginos, homofóbicos, conservadores, bem como aqueles que os progressistas têm buscado destacar nos últimos anos.

Em suma, o filme aborda várias questões em busca da lacração, mas apresenta inúmeras contradições:

Hipocrisia da Diversidade e Inclusão

No tocante à mensagem do filme sobre diversidade e inclusão, embora tenha sido apresentado como uma busca pela igualdade e respeito pelas diferenças, fica a dúvida se os fabricantes estão realmente empenhados em combater essas desigualdades ou se é apenas um discurso vazio e hipócrita de “politicamente correto”. Além disso, a estratégia de marketing do filme levanta questões sobre se a marca está de fato preocupada com a diversidade em sua equipe e com a sustentabilidade de suas embalagens de produtos. É fácil falar, mas é difícil agir conforme o que se prega.

Juliette Oliveira

Contraponto cristão:

“Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo. Eu vos digo, porém: Amai vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem.” (Mt 5, 43-44)

Moral: a mensagem de Jesus é a verdadeira mensagem de acolhimento e inclusão social, lembremos que todos seus discípulos eram pecadores. Não precisamos ser politicamente corretos, mas cristãos verdadeiros.

Capitalismo e Lucratividade

Em relação à questão do capitalismo e da lucratividade, apesar do filme abraçar valores de esquerda, não se pode negar que a estratégia de pré-lançamento do filme "Barbie" foi usada para impulsionar produtos e valorizar as ações da empresa em um momento de queda. Isso levanta a dúvida sobre se o foco nas mensagens políticas é genuíno ou se está sendo usado como uma ferramenta para revitalizar a marca e aumentar as vendas.

No final das contas, embora Hollywood frequentemente critique o capitalismo, é inevitável reconhecer que a estratégia do filme também visa a lucratividade. Isso destaca uma contradição entre os valores da esquerda e a busca por lucro em detrimento de princípios ideológicos. É o que se costuma chamar de “faça o que eu digo, não o que eu faço”.

Contraponto cristão:

“João respondia: ‘Quem tem duas túnicas dê uma a quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo’.” (Lc 3,11)

Moral: É fácil pregar igualdade e partilha para os outros, difícil é estender a mão a quem precisa fora de sua própria mansão.

Posicionamento Político e Estratégias de Marketing

A chegada do filme "Barbie" aos cinemas foi acompanhada por uma estratégia de marketing intensiva, que envolveu desde a disponibilização da "Casa dos Sonhos da Barbie" no Airbnb até a realização de ações promocionais em várias plataformas de mídia, além de uma campanha de visibilidade. Essas medidas podem ser interpretadas como uma tentativa de aproveitar o interesse público em torno do filme, enquanto também enfatizam os seus elementos políticos. Essa abordagem suscita dúvidas acerca da autenticidade das mensagens políticas e da sua integração à trama, ou se servem apenas como instrumentos de promoção.

Contraponto cristão:

Juliette Oliveira

Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, brigariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui. (Jo 18, 36)

Moral: Enquanto, alguns buscam a autopromoção, o verdadeiro cristão não engana, não ilude seus semelhantes... ele busca levar as coisas de Deus ao seu próximo. Não adianta tentar se salvar neste mundo e perder a alma no Reino de Deus.

Portanto, não devemos nos surpreender se temas políticos de esquerda, como identidade de gênero e feminismo, aparecerem nos filmes. Vivemos em uma época que não é mais comparável aos anos 50, é fundamental reconhecer que não podemos isolar nossos filhos em “bolhas”. Em vez disso, devemos fortalecer nossas convicções religiosas e ensinar o respeito pelas diferenças, ao mesmo tempo não podemos permitir que nossos filhos sejam desrespeitados devido seus valores cristãos. É crucial também instruir nossos filhos a serem autênticos e a não se deixarem influenciar cegamente pelas opiniões alheias. A analogia do homem prudente que constrói sua casa sobre a rocha, em contraste com o imprudente que a edifica sobre a areia, serve como um lembrete da importância de construir nossos valores em bases sólidas.

“Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa; ela caiu e grande foi a sua ruína.” (Mt 7, 24-27)

Nosso papel na atualidade



Certa vez, conversamos, uns amigos e eu quando surge a seguinte pergunta: Que tipo de mundo (sociedade) encontrarão nossos filhos e netos em algumas décadas? Em breves minutos um silêncio funeral tomou conta da roda de amigos.

Claro que não poderíamos deixar nossas mentes carentes de ao menos um alento, e logo nos pusemos a imaginar; cada um com os elementos que tinha em sua própria mente. Após um bom tempo de conversa, uns 30 minutos, e sem sucesso, alguém propôs recorrermos aos ensinamentos que as antigas tradições nos deixaram.

Para além das tradições, as escolas de filosofia que foram responsáveis por formar grandes seres humanos e com eles elevarem algumas sociedades ao nível de civilização realizamos o seguinte:

A história é viva e seguirá seu caminho sem que nenhum ser humano tenha poder de ingerência sobre ela, pois quem a escreve está acima de nós; isso baseado na bíblia cristã, mais especificamente nas linhas que escrevem o livro do apocalipse.

Na mesma bíblia sagrada, encontramos elementos doutrinários (sociais) que nos convidam à auto responsabilidade, nas linhas que escrevem os livros de, Tito, Timóteo e Tiago. Com esses elementos temos como encontrar um comportamento que nos permita sustentar a sociedade com aquilo que ela mais está e estará cada vez mais carente: Valores éticos e estéticos.

Eu poderia citar aqui os versos e versículos que conduziram nossa conversa, mas prefiro indicar os livros para que cada leitor tenha sua experiência, porém deixarei alguns textos para reflexão.

Edson Araujo

Mateus 5:29-3 (auto responsabilidade),¹ Coríntios 15:58 (temperança), Romanos 8:37-39 (Convicção).

Parece não haver uma maneira de desassociar a religião de um comportamento honrado, digno, valente e, por fim, vitorioso, talvez seja por este motivo que não só a religião, mas muito mais que isso a consciência religiosa do ser humano, se a qual ele não evoluirá tem sofrido sucessivos ataques em nosso momento histórico, embora não fosse diferente em nenhum outro. Com tudo concluímos que o mundo que queremos para nossos ascendentes, está ao nosso alcance, pois ele é constituído dos valores e virtudes que hoje carece nossa sociedade. Não foi assim com os que nos antecederam?

Se temos hoje o cristianismo e por que no passado homens e mulheres de valor foram um sustentáculo para estes elementos que nos permitiram chegar aqui e irmos adiante com toda a luta que nos espera o futuro. Sabemos que o mundo ideal não é aqui, mas como disse o Cristo "venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu", podemos trazer até nosso próximo os valores que nos farão experimentar o que há de mais elevado para o ser humano: Seus valores e virtudes.

Vivermos em honestidade em uma sociedade desonesta, em lealdade em uma sociedade desleal, virtuosos em uma sociedade desvirtuada, com dignidade em uma sociedade indigna, é assim que seremos nós neste momento o sustentáculo que não deixará sucumbir o ser humano ante a tanta miséria moral.

O mundo precisa de referências e é preciso pessoas de valor para este sacro ofício outrora tão necessário e agora ainda mais.

Por tanto se depender dos líderes mundiais o mundo para nossos filhos e netos não será de forma alguma o mundo que nós mesmos podemos promover e é fundamental que os alimentemos com valores espirituais em uma sociedade tão materialista.

Agradeço a Deus por Estar vivendo este nome tão precioso e me escolher para representar seus valores, ainda que com dor, e se estamos aqui é porque podemos e foi Deus mesmo que nos deu este poder, como cita o apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 10:13 "Deus não nos dá um fardo além do que podemos suportar".

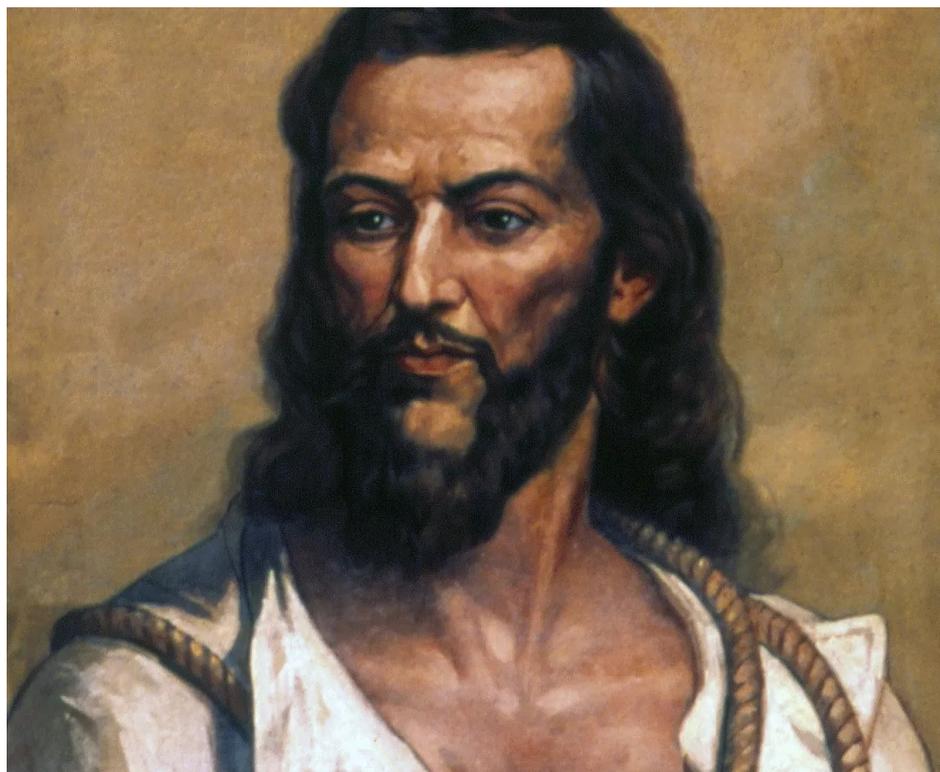
Espero que esse texto possa despertar seus corações e fazer enxergar o privilégio que é viver esse momento decisivo para nossa sociedade.

Quando crianças vibramos com os super-heróis na tela da TV, nos quadrinhos e etc...Agora é a nossa vez de sermos as referências, não como show heróis, mas como seres humanos.

Entenda: se você está na trincheira ao lado dos defensores dos valores morais e espirituais que podem salvar nosso mundo, você é um guerreiro de um exército invencível; o exército de Deus.

Que Deus abençoe nossa jornada!!

O Mito e Tiradentes



“Liberdade, ainda que tardia”. Em tempos em que se tem discutido tanto a questão da liberdade, em todas as suas possibilidades, nos vemos refletindo sobre a abrangência da palavra. A liberdade que queremos é a que nos permite sermos livres, ou a que pretende que todos sejam livres? Queremos liberdade hoje, ou estaremos dispostos a fazer dela destino e caminho simultaneamente? E se, como no lema presente na bandeira do estado de Minas Gerais a liberdade for tardia, demonstraremos resiliência ou veleidade?

A história da Inconfidência Mineira é uma página intrigante e ambígua nos anais da luta por independência e liberdade no Brasil colonial. Ao examinarmos este episódio, é vital adotar uma abordagem bastante atenta desvendando as complexidades que envolvem a suposta tentativa de liberdade levada a cabo pelos inconfidentes. Em meio à idealização romântica ou ao aproveitamento de certos simbolismos históricos que muitas vezes cercam essa rebelião, é crucial separar a realidade histórica das narrativas convenientemente simplificadas.

A Inconfidência Mineira, que eclodiu em fins do século XVIII, é frequentemente retratada como um movimento de heróis visionários que buscavam libertar a província de Minas Gerais do jugo colonial e proclamar uma república independente. Entretanto, uma análise mais profunda revela que as motivações por trás da revolta eram multifacetadas e frequentemente egoístas.

Mauricio Motta

Os líderes inconfidentes eram, em grande parte, membros da elite local – mineradores, comerciantes e proprietários de terras – que buscavam proteger seus interesses econômicos e sociais ameaçados pela política fiscal da Coroa Portuguesa. A dívida de Portugal após a Guerra dos Sete Anos e a descoberta de fraudes fiscais nas minas de ouro de Minas Gerais levaram a um aperto das medidas de controle, aumentando a pressão sobre as elites locais. A ideia de liberdade pregada pelos inconfidentes estava, em muitos casos, mais relacionada à liberdade de continuar explorando suas riquezas e privilégios do que à emancipação genuína do povo das Minas Gerais ou mesmo da integralidade da colônia.

Outro ponto de crítica se volta para a falta de inclusividade dos objetivos inconfidentes. A revolta era liderada por homens brancos, ricos e educados, cujas visões muitas vezes não refletiam as preocupações das camadas sociais mais baixas, como escravos, artesãos e camponeses. Enquanto os inconfidentes falavam em liberdade, a escravidão, que constituía a base econômica da sociedade colonial, raramente era mencionada em suas discussões. Isso levanta questionamentos sobre o verdadeiro alcance de sua luta por liberdade e justiça.

Além disso, a Inconfidência Mineira é frequentemente criticada por sua ingenuidade em relação à eficácia de uma república independente. Muitos inconfidentes eram influenciados pelas ideias iluministas e republicanas vindas da Europa, mas suas ambições pareciam subestimar as complexidades da construção de uma nação livre e soberana. A ausência de um plano de ação concreto e a falta de apoio popular significativo deixaram a revolta em um terreno fértil para o fracasso. Libertar uma região central, logo, sem acesso ao mar, sem uma força militar que se opusesse ao poder metropolitano era de tal modo um fracasso iminente, que espanta que os intelectuais da época não tenham previsto o desfecho mais óbvio.

A repressão implacável do governo colonial ao movimento também suscita questões sobre a natureza de seus líderes. A rápida delação de alguns inconfidentes e a falta de resistência efetiva em face das prisões e perseguições lançam uma sombra sobre a disposição real de lutar por seus ideais. A maioria dos envolvidos cedeu rapidamente às pressões e traiu seus companheiros, revelando uma falta de coesão e comprometimento que levanta dúvidas sobre a verdadeira profundidade de suas convicções.

A Inconfidência Mineira, muitas vezes romantizada como uma saga de bravura e idealismo, deve ser analisada criticamente à luz de seu contexto histórico e das motivações subjacentes. A liberdade que os inconfidentes buscavam era muitas vezes limitada a seus próprios interesses e às suas posições na sociedade. A falta de uma visão inclusiva e o despreparo para as complexidades da independência revelam a natureza inexperiente e utópica de suas aspirações.

Em resumo, a Inconfidência Mineira é um episódio histórico que merece uma análise detalhada e uma visão crítica. Enquanto podemos admirar o desejo de liberdade e autonomia que os inconfidentes

Mauricio Motta

expressaram, é vital reconhecer as motivações individuais e coletivas por trás da revolta. A história não pode ser reduzida a uma narrativa de heróis ou vilões; ela é uma tapeçaria complexa de intenções, ações e resultados que exige um olhar atento e uma avaliação equilibrada.

O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes, desempenhou um papel significativo na Inconfidência Mineira, embora suas motivações e interesses pessoais possam ser interpretados de maneira multifacetada.

Tiradentes, ao contrário de alguns outros líderes inconfidentes que eram membros da elite local, era um homem de origem mais modesta. Ele era alferes (um posto militar) e dentista prático, o que lhe conferia uma posição intermediária na sociedade colonial. Sua participação na Inconfidência Mineira está ligada a uma combinação de fatores ideológicos e pessoais.

Em relação a seus interesses pessoais, pode-se argumentar que Tiradentes viu na revolta uma oportunidade de ascensão social e de reconhecimento. Seu envolvimento na conspiração poderia lhe oferecer uma plataforma para superar as limitações impostas por sua origem social e aspirar a uma posição mais elevada na hierarquia da sociedade colonial. Uma república independente, liderada por figuras como ele, poderia resultar em uma nova ordem em que os méritos individuais teriam mais peso do que o status de nascimento. Por esse prisma poderíamos encontrar alguma ligação com o tecnicismo tão comum em tempos recentes da administração brasileira.

Ademais, a participação de Tiradentes na Inconfidência também poderia estar relacionada a um desejo de escapar de suas dificuldades financeiras. Ele tinha dívidas consideráveis e buscava uma saída para suas obrigações financeiras por meio da instauração de uma república independente em Minas Gerais. Essa perspectiva econômica pode ter influenciado sua decisão de se envolver na conspiração, esperando que uma mudança de regime pudesse também implicar uma mudança em suas circunstâncias pessoais.

Além de interesses pessoais, Tiradentes também demonstrou motivações ideológicas e políticas. Ele acreditava nas ideias iluministas e nos princípios de igualdade, liberdade e justiça que estavam ganhando força na época. Sua participação na Inconfidência pode ser vista como um reflexo de seu desejo de contribuir para uma mudança positiva na sociedade, onde as desigualdades e as injustiças seriam confrontadas e superadas.

No entanto, é importante ressaltar que a trajetória de Tiradentes na Inconfidência Mineira foi ambígua e cheia de contradições. Embora suas motivações possam ter sido uma mistura de interesses pessoais e ideais de justiça social, ele acabou sendo o único a ser executado em decorrência da conspiração. Isso pode ser interpretado como um sinal de que suas ações, independente de suas motivações, foram percebidas como uma ameaça significativa ao poder colonial.

Mauricio Motta

Em última análise, os interesses pessoais de Tiradentes na Inconfidência Mineira podem ser considerados como parte de um complexo mosaico de fatores que impulsionaram seu envolvimento. Sua posição social, suas aspirações de reconhecimento e suas dificuldades financeiras podem ter se misturado com suas crenças ideológicas em busca de igualdade e justiça. Sua trajetória revela as nuances e as ambiguidades que muitas vezes acompanham os participantes de movimentos revolucionários, onde os limites entre o pessoal e o coletivo, entre o idealismo e as realidades concretas, podem ser difíceis de traçar claramente.

A condenação de Tiradentes à pena capital, enquanto muitos outros inconfidentes receberam penas mais brandas ou foram perdoados, é um aspecto intrigante da história da Inconfidência Mineira. Essa diferença no tratamento dos envolvidos pode ser atribuída a uma combinação de fatores políticos, sociais e pessoais.

Uma das principais razões para a execução de Tiradentes está ligada ao papel que ele desempenhou na conspiração. Tiradentes se destacou como um dos líderes e figuras públicas mais visíveis da revolta, o que o tornou um alvo mais óbvio para as autoridades coloniais. Sua atuação como porta-voz das ideias inconfidentes e sua capacidade de mobilizar apoiadores tornaram-no uma figura central e, conseqüentemente, mais vulnerável às ações repressivas das autoridades.

Além disso, é importante considerar as dinâmicas sociais e políticas da época. Tiradentes, embora não fosse o único líder inconfidente, talvez tenha sido escolhido como bode expiatório devido a sua origem social e profissional. Apesar de ser crime de grave traição à Coroa, as necessidades da própria coroa poderiam impor limites às suas ações repressoras. A elite mineira, apesar de tudo, ainda era necessária à administração central. É importante recordar que Portugal desde o princípio da colonização brasileira, era um país de pequena população e possivelmente não poderia dispor de membros de sua própria administração metropolitana para repor posições durante uma punição mais ampla.

Vale destacar ainda que muitos outros inconfidentes eram membros da elite local, possuíam conexões e influências que lhes permitiram buscar clemência ou acordos para diminuir suas penas. As negociações nos bastidores e os apelos influentes muitas vezes resultaram em penas mais brandas ou mesmo no perdão de alguns envolvidos, enquanto a posição mais pública de Tiradentes como líder o deixou mais exposto à ação punitiva das autoridades.

Além disso, a maneira como Tiradentes assumiu a responsabilidade e a visibilidade pelo movimento pode ter influenciado sua sentença. Enquanto outros inconfidentes negaram envolvimento ou minimizaram seu papel, Tiradentes foi notavelmente franco em suas declarações e assumiu a liderança. Isso tornou mais fácil para as autoridades concentrarem a culpabilidade nele, especialmente considerando

Mauricio Motta

sua posição como um dos líderes mais reconhecíveis do movimento, por sua movimentação entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais.



A reação das autoridades coloniais à revolta também desempenhou um papel crucial na determinação das punições. A coroa portuguesa tinha interesse em conter qualquer movimento de insubordinação nas colônias, principalmente em razão da independência americana ocorrida apenas 13 anos antes. A execução de Tiradentes serviu como um exemplo assustador para desencorajar futuras rebeliões e enfraquecer o movimento insurrecional.

Em última análise, a condenação e execução de Tiradentes refletem uma complexa interação de fatores políticos, sociais e pessoais. Seu papel proeminente no movimento, sua origem social e sua decisão de assumir a liderança de forma pública contribuíram para que ele se tornasse o rosto mais visível da Inconfidência Mineira aos olhos das autoridades coloniais.

Não foi em 1789 que a sociedade brasileira experimentou o sabor da liberdade, até porque o conceito de brasilidade ainda precisaria ser construído para que a liberdade pudesse ser experimentada.

Mauricio Motta

Na visão poética de Cecília Meireles, a “liberdade – essa palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda!”, podemos perceber uma possibilidade para entender porquê ainda hoje não a conquistamos plenamente e, o que pensamos ter conquistado estamos a poucos passos de perder.

As razões que levaram à ruína do movimento de 1789 são aparentemente as mesmas que têm prejudicado os objetivos de 2023: nenhum planejamento estratégico; divisões internas; traições de membros mais vinculados com seus projetos pessoais; excesso de idealismo e falta de visão pragmática; veleidade. Por outro lado, assim como nos fins do século XVIII, o poder metropolitano agora encarnado na espada da justiça, destrói impiedosamente qualquer opositor, qualquer tentativa de ataque ao *status quo*, hoje chamado popularmente de “Estado Democrático de Direito”. O Campo da Lampadosa, cenário do enforcamento de Tiradentes ainda existe. Hoje está localizado a aproximadamente 1200 km de distância da Praça Tiradentes, centro do Rio de Janeiro.

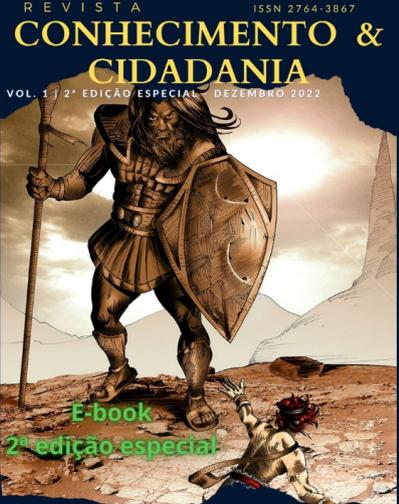
O Brasil segue assistindo enforcamentos e esartejamentos simbólicos em praça pública. Enquanto alguns rezam em frente aos quartéis pela alma de seus mortos, as hienas riem enquanto saboreiam o sangue inocente de seus mitos.



MENEZES COSTA
COM CONHECIMENTO SE CONSTRÓI CIDADANIA

Livraria

Curso Menezes Costa



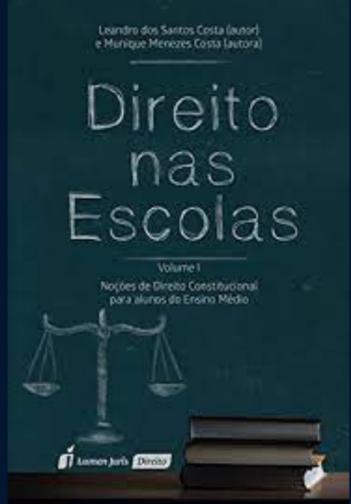
REVISTA ISSN 2764-3867
CONHECIMENTO & CIDADANIA
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

E-book
2ª edição especial



REVISTA ISSN 2764-3867
CONHECIMENTO & CIDADANIA
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial



Leandra dos Santos Costa (autor)
e Muriqui Menezes Costa (autor)

Direito nas Escolas

Volume 1
Notões de Direito Constitucional para alunos do Ensino Médio

Danielly Jesus

“Attenzione pickpocket”, petistas à vista

Quem possui redes sociais deve ter visto vídeos de meninas furtando carteiras na Itália, isso ao som de *“attenzione pickpocket”* (“atenção, batedor de carteiras”). A dona da voz é a vereadora direita *Monica Poli*, que faz parte do grupo *Cittadini Non Distratti* (Cidadãos não distraídos, em tradução livre). O grupo do qual ela faz parte percorre a cidade de Veneza e alerta para a presença de possíveis batedores de carteira.

Via de regra, as *“pickpockets”* são meninas jovens, bem-vestidas, que se aproximam sorratamente e furtam pertences de turistas, um perfil que, aparentemente, não oferece risco algum; contudo, são as *“carinhas inocentes”* as que possuem má índole ao ponto de roubarem idosos indefesos, sem qualquer remorso.

Infelizmente, não é exclusividade da Itália a presença de *“pickpockets”*, o Brasil também possui os seus; e não falo dos pivetes que roubam à luz do dia no centro do Rio de Janeiro, nem dos viciados em crack que o fazem para sustentar seu vício. Os piores *“pickpockets”* são os componentes do atual governo petista: estes roubam a nação com a conveniência da extrema imprensa.

No último dia 17 de Agosto, foram registradas treze quedas consecutivas da Bolsa de Valores. O último recorde negativo aconteceu em 1970, quando o Ibovespa caiu por 12 pregões seguidos. Naquele momento, o mundo passava por uma época difícil, em que o modelo de crescimento adotado depois do pós-guerra começava a declinar, gerando crises em diversos países.

Um dos motivos deste recorde vergonhoso é a saída de investidores do Brasil; isso se dá por conta da insegurança financeira que assola o país, devido ao aumento desenfreado de impostos.

Já no dia 2 de Janeiro, Lula revogou decreto que reduzia pela metade impostos de grandes empresas. A medida reduzia a 0,33% e 2%, respectivamente, as alíquotas da PIS/Pasep e Cofins incidentes sobre receitas financeiras, inclusive decorrentes de operações realizadas para fins de hedge, auferidas pelas pessoas jurídicas sujeitas ao regime de apuração não-cumulativa das referidas contribuições.

Em Fevereiro, foi anunciada a retomada da tributação federal dos combustíveis. A incidência de PIS, Cofins e Cide sobre os combustíveis estava suspensa desde março de 2022, quando o então presidente Jair Bolsonaro (PL) sancionou a Lei Complementar 194/2022 com o objetivo de reduzir os preços dos derivados de petróleo ao consumidor.

Em Março, Fernando Haddad recebeu deputados e senadores da FPE (Frente Parlamentar Mista do Empreendedorismo) que recomendou a taxação de compras internacionais em sites como Shopee, Shein e similares (eu mesma estou com uma simples pulseira presa na alfândega). Além disso, Haddad anunciou

Danielly Jesus

que o governo editaria uma medida provisória (MP) para cobrar imposto de 9,2% sob a exportação do petróleo bruto por um período de quatro meses.

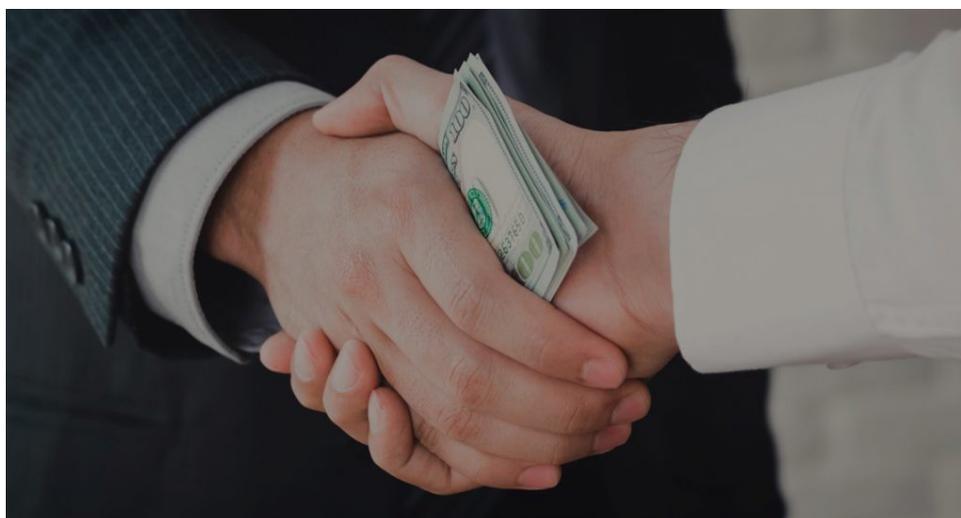
Em Maio, Haddad anunciou a taxação de rendimentos de aplicações no exterior por meio de aplicações financeiras, entidades controladas e bens e direitos nos chamados trusts – modalidade utilizada para administrar quantias de terceiros.

Um levantamento realizado pelo site *Poder 360* apontou que o Acre está entre os estados que a gasolina aumentou desde que Lula da Silva assumiu. O Acre está em segundo lugar no ranking dos estados onde a gasolina subiu de preço, com R\$ 6,37 o litro em 14 de julho, com variação de 19,5% com relação ao início do ano. A média de crescimento do Brasil é de 11,8%.

Mesmo após esta gama de aumentos absurdos, a extrema-imprensa parece fazer vista grossa para esta situação lamentável. Miriam Leitão, ex-membro do Partido Comunista do Brasil, parece apresentar bipolaridade política: quando o Governo Bolsonaro anunciou redução de preço dos combustíveis, ela escreveu: *“Não subir preço dos combustíveis beneficia rico que tem carrão e aumenta a injustiça”*; e a mesma Miriam, ao comentar sobre a retomada de imposto no atual governo: *“Cobrar imposto da gasolina é o melhor do ponto de vista social, fiscal e ambiental”*.

É preciso tratar de obviedades quando falamos em refutar a ala vermelha da força: o agro produz alimentos que serão transportados por rodovia; logo, frete. Os mercados comprarão os alimentos e pagarão ao motorista; logo, frete. O motorista terá que parar diversas vezes para abastecer, a depender do trajeto; logo, imposto. O mercado reverterá o valor para o cliente, para não sofrer prejuízo; logo, imposto. E quem mais frequenta mercado neste país? O pobre! Logo, este sofrerá mais as consequências. Mas para dona Miriam, aumentar imposto é revolução.

Os maiores “pickpockets” vestem terno pago pelo contribuinte, que é roubado pelos mesmos. É um ciclo que poderia ter tido fim, caso Bolsonaro tivesse sido reeleito. E para os vermelhos que estão reclamando da situação econômica do país, um recado: faz o L que passa.



Maria Cecília Carnáuba

A Botija de Dona Nazinha



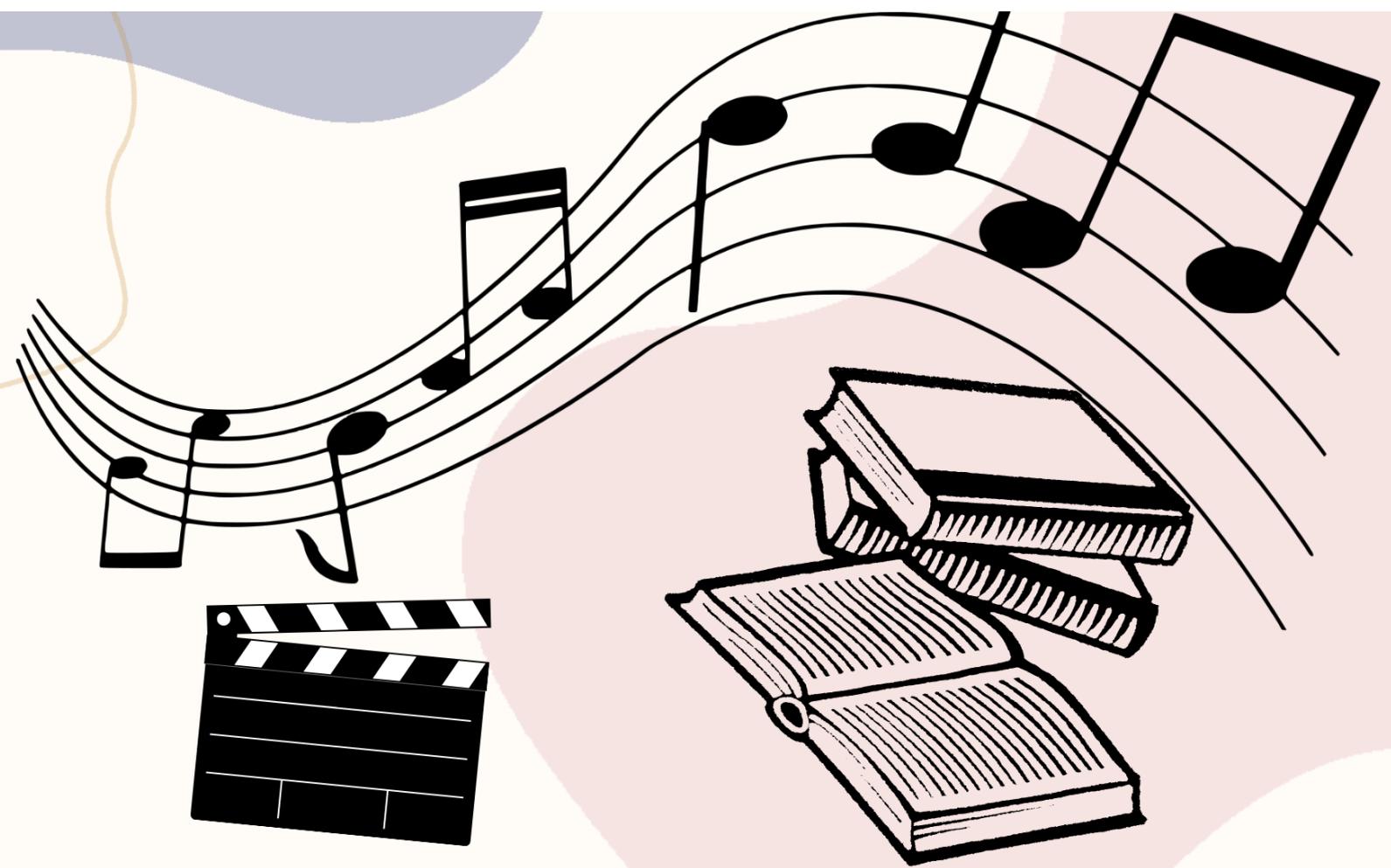
Um coração dorminhoco esbarrou bem na frente daquela janela
madeira brechadinha de vidro com uma renda branca bem suave
a porta era igualzinha, duas bandas soltas nem conhecia taramela
aberta de par em par, logo à frente viu a Mãe, Santa Maria, Salve!

Depois da nave as orquídeas, um arbusto e as plantas, é o jardim!
todos os cantos viam, mas bem coberto dos de fora, anjo sabido!
sopro de ar, passeio dos pensamentos e os cochichos de serafim
cheiro de tempero e a quentura de fogo, só cuidado sem alarido

Doce de banana roxinho-roxinho, um bolo simples, fofo, pra café
da alma só o encanto, uma oração: agradeço o descanso da noite
e a claridade desta nova manhã, Deus da vida que me fez de pé!
recanto seguro, guardado da maldade, da inveja, do fel, do açoite

Vasculhou em volta um delicado perfume! não achou, era d'onde?
móbia bem arranjada vinda de trem Maria Fumaça, piuí...piuí...
gorgeou acolá o canário amarelinho: espreite, há quem se esconde!
Pinotando de rama em rama, a felicidade. Olha só! É ela! Mora ali!

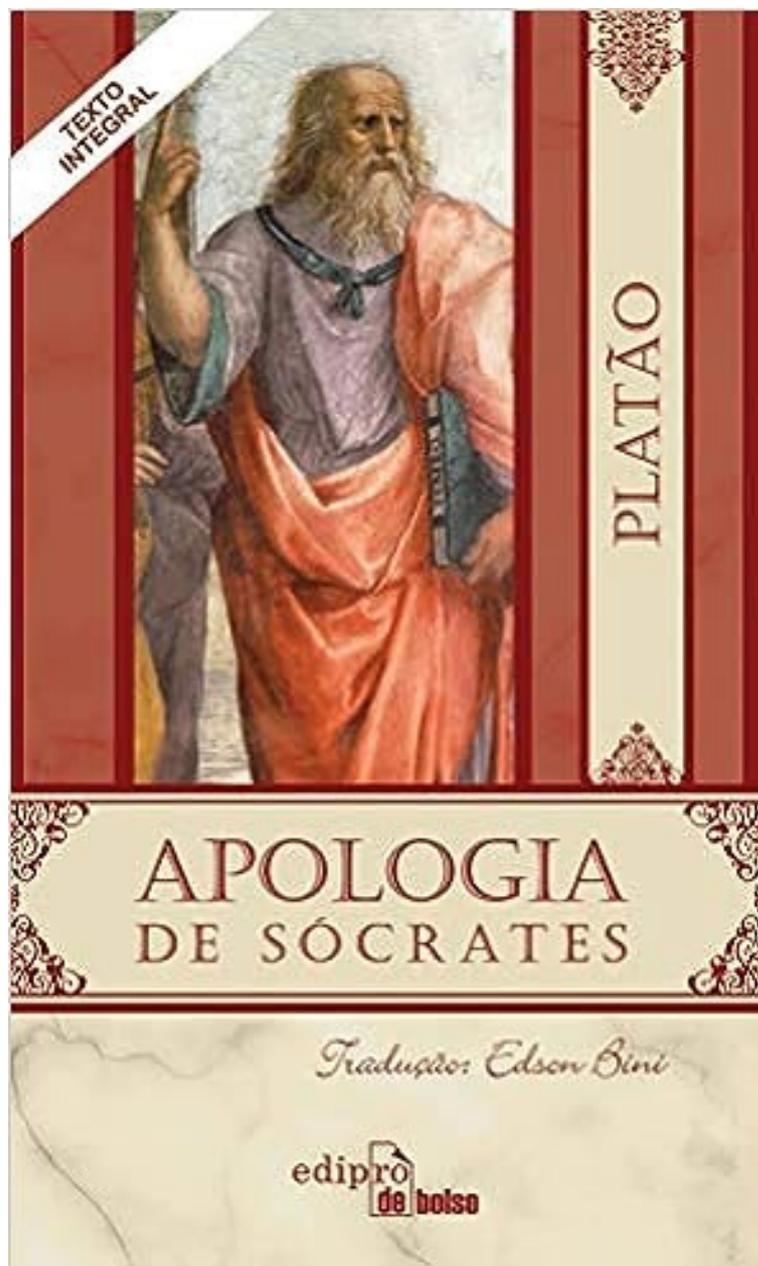
Caderno Variedades



Neste caderno encontrarão sugestões culturais. Dicas de filmes, livros, poemas, música.

Edição realizada por Edson Araujo

Dica de Livro



"A Apologia de Sócrates é o registro de uma das defesas mais famosas e polêmicas da história do direito e da justiça ocidentais. Paralelamente, trata-se de uma pequena obra-prima literária de um dos assistentes dessa defesa: Platão, um dos discípulos de Sócrates. O filósofo, que perpetuou conceitos como "conheça-te a ti mesmo" e "só sei que nada sei" foi condenado e passou dias na clausura, filosofando sobre a imortalidade da alma, antes de sua execução. Sócrates inicia seu discurso advertindo os juízes de que pronunciará exclusivamente a verdade. Assinada pelo jovem Meleto, Anito e Lícon, que, pelos costumes da época, tinham direito a fazer declaração jurada, a acusação indiciava Sócrates por não reconhecer os deuses que o Estado reconhecia, por introduzir novos cultos e, também, por corromper a juventude, motivos pelos quais receberia pena capital, caso fosse condenado. A tese defendida por Sócrates é a de que nada mais fazia do que filosofar. Inclusive, declarou que preferiria a morte a deixar de se dedicar à filosofia, e, infelizmente, foi o que aconteceu, uma vez que foi condenado por um júri composto de 501 homens atenienses. O pensador considerou vergonhosa a postura de seus julgadores pelo fato de terem sido persuadidos a acautelarem-se para não serem ludibriados pela sua "extraordinária capacidade de oratória", que seus acusadores lhe atribuíram.

Adquire o seu exemplar, [clikando aqui](#)

Dica de Filme

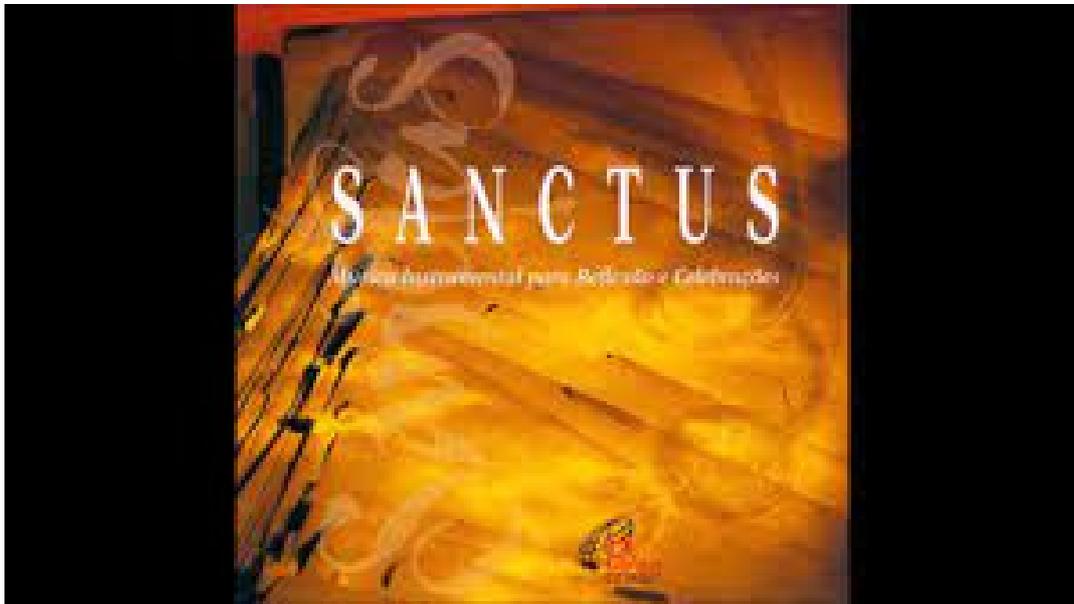


Meu Nome é Sara

Sara Góralnik, uma polonesa judia cuja família foi morta pelos nazistas, foge para a Ucrânia usando a identidade roubada de uma amiga. Ela é acolhida por um casal de fazendeiros, mas lá descobre que seus novos amigos possuem segredos sombrios.

[Assista, gratuitamente, aqui.](#)

Dica de Música



Sanctus - Música Instrumental Católica

[Ouça aqui](#)

Siga-nos
nas
**REDES
SOCIAIS**



@revistaconhecimentocidadania



Visite:

<https://www.direitonasescolas.com/livraria>

**Livraria
Curso Menezes Costa**

REVISTA ISSN 2764-3867
**CONHECIMENTO &
CIDADANIA**
VOL. 1 | 2ª EDIÇÃO ESPECIAL - DEZEMBRO 2022

E-book
2ª edição especial

REVISTA ISSN 2764-3867
**CONHECIMENTO &
CIDADANIA**
VOL. 1 | 1ª EDIÇÃO ESPECIAL - MAIO 2022

Edição especial

Leandro dos Santos Costa (autor)
e Muriqui Menezes Costa (autora)

**Direito
nas
Escolas**

Volume I
Noções de Direito Constitucional
para alunos do Ensino Médio

**Para ajudar a continuarmos com este
trabalho, doe qualquer quantia:**

PIX: 28.814.886/0001-26

